

LINGUASAGEM

RESENHA: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyana de Mattos Moura (Org.).
Tecnologias digitais e escola. São Paulo: Parábola, 2020.

Elenilza Maria de Araújo Sousa (UESPI)¹

O livro “Tecnologias digitais e escola”, organizado pelas autoras Ana Elisa Ribeiro e Pollyana de Mattos Vecchio, é uma publicação resultante de profundas reflexões em contextos emergenciais de pandemia em torno do projeto de extensão “aula aberta”.

Logo no início da primeira parte do livro, há um discurso intitulado “Ensino de Língua: surtos em tempos de pandemia” desenvolvido pela autora Carla Viana Coscarelli, uma das participantes do círculo de interação. Nessa parte, é possível se perceber que a autora tenta situar o leitor quanto à diferença entre ensino remoto, método emergencial que passaram a ser usados nas escolas públicas e particulares por conta do isolamento social, oriundo da pandemia que envolveu o mundo todo, e ensino em formato de Ensino à Distância (EaD).

No que tange a diferença entre ensino remoto e EaD, a autora deixa bem claro que um ensino remoto é um método emergencial usado por cursos presenciais construído de forma rápida, sem tempo para um planejamento das aulas. Por outro lado, ensino em formato EaD é desenvolvido de forma planejada, criteriosamente.

Em continuação de seu discurso, a autora aponta que “no meio desse turbilhão” (COSCARELLI, 2020, p. 16) recebeu diversas perguntas de professores e que, segundo ela, resolveu estruturar em três grupos.

Os questionamentos referentes ao grupo 01, pedem que a autora indique materiais para o desenvolvimento de aulas à distância. Nesse quesito, Coscarelli (2020) expõe várias reflexões, sendo uma delas relacionadas a falta de conhecimento de professores acerca das tecnologias digitais. Assim, ao responder o questionamento exposto pelo grupo 01, a autora argumenta que apesar do momento que se vive no ensino, há uma necessidade de as instituições de ensino escolherem um AVA específico, de modo que todos os professores possam ter acesso.

¹ Professora de Linguística da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: elenilza10@hotmail.com
revista *Linguasagem*, São Carlos, v.42, n.1, 2022, p. 01-06 ISSN: 1983-6988

Por outro lado, o grupo 2 são os que pedem materiais objetivos e prontos para o seu uso. Aqui, a autora enumera uma série de reflexões acerca desse tipo de pedido. Para ela, trabalhar com atividades estruturadas por questões objetivas impedirá os alunos de ter um conhecimento mais profundo da língua e reforça que este modelo de questão, as objetivas, são úteis quando aplicada às avaliações diagnósticas. Desse modo, sua hipótese é confirmada através do questionamento do grupo 3 que pede que a autora indique textos para trabalhar categorias gramaticais no ensino.

Nesse ponto, Coscarelli aponta o que é necessário e importante se aprender no ensino de língua, reforça a importância do trabalho com o processo de compreensão e produção de textos de diversos gêneros.

Em outro capítulo do livro, intitulado “O ensino de língua materna em tempos de pandemia”, Clecio Bunzen localiza os problemas da Covid19 em espaços escolares em Portugal, país onde ele mora com seus familiares. De lá, o pesquisador começou a perceber que o isolamento social direcionou as instituições brasileiras a promoverem reuniões repentinas com o intuito de desenvolver novos planejamentos das aulas em formatos *on-line*.

Como isso, o autor começou a perceber, de forma ampla, o total descontrole no setor universitário ao tentar transferir conteúdos de métodos de ensino presencial ao ensino remoto. Em suas inferências, defende o importante papel das universidades para formação de professores de maneira a capacitá-los para o desenvolvimento de um trabalho mais coletivo. Isso seria uma das pedagogias mais participativas.

Para ele, com o novo contexto emergencial, o ensino precisou ser repensado e escolas começaram a usar recursos midiáticos diversos e interações em espaços familiares. Percebeu, ainda, que este tipo de mudança afeta uma parte da população que não dispõe de equipamentos tecnológicos, tampouco internet de qualidade. Tudo isso revela uma grande desigualdade social.

Em outro aspecto, ou seja, no capítulo “A EaD, os desafios da educação híbrida e o futuro da educação”, Eduardo S. Junqueira busca descrever, minuciosamente, a funcionalidade e as características do ensino na modalidade EaD. Neste contexto, o autor aponta os principais objetivos, estrutura de ensino, forma de avaliação e função do corpo pedagógico.

Junqueira deixa bem claro que os cursos nesse formato, inserem equipes multidisciplinares que desenvolvem ações didáticas, reforçando, ainda, que tais ações são

planejadas, paulatinamente. Ademais, o autor, sublinha que as aulas se processam de forma interativa por intermédio de um professor e um tutor.

Segundo o autor, o contexto das desigualdades sociais presente afeta o momento atual. Tudo isso reflete no acesso às tecnologias digitais. Por isso, “nas comunidades periféricas, em particular, à escassez tecnológica se somou a precariedade dos espaços de moradia[...]” (JUNQUEIRA, 2020, p. 35). Tais questões se inserem em problemas psicológicos, econômicos, mudanças de rotinas nas famílias ancoradas por momentos de isolamento social.

O autor, ao finalizar suas reflexões, conclui que pensar em usar as práticas de ensino híbrido na escola, futuramente, requer bastante reflexão e abertura para que se possa pensar em um ensino sem rótulos e com aulas mais interativas.

No capítulo “(Re)pensar os multiletramentos na pandemia”, de Roxane Rojo, é possível se perceber, inicialmente, que a autora, abre sua discussão sobre a atuação docente nas aulas *on-line* por meio de duas questões: “Será ela Multiletrada? Será ela mais interativa?” (ROJO, 2020, p. 40).

Na sequência, Rojo esclarece a diferença entre os termos Multiletramentos e Letramentos digitais. Para a autora, Multiletramentos refere-se às práticas de diversos tipos de linguagens estruturadas por meios digitais. Por sua vez, letramentos digitais tem diversos significados e estão inseridos nos meios tecnológicos, sendo esta nomenclatura de letramento bem mais tradicional.

Seguidamente, a autora aponta os benefícios das aulas transmitidas pelos meios digitais, reforçando o processo de interação entre professor/aluno e que ambos podem comportar-se como elementos centrais no ensino.

No último capítulo, referente ainda à primeira parte do livro, “O mundo muda, a avaliação muda: reflexões sobre a avaliação da aprendizagem remota” de autoria de Ione Aparecida Rodrigues, há reflexões de que as instituições de ensino foram, além de outras, as mais prejudicadas pelo contexto do novo corona vírus.

A pesquisadora entende que, com tantas mudanças no contexto de ensino, houve uma tentativa de reproduzir as aulas do sistema presencial para os ambientes virtuais. Assim, as aulas que, anteriormente, processavam-se de forma presencial, passaram a ser planejadas de forma emergencial e foi criado um espaço improvisado de “interação” entre professor e aluno.

Rodrigues, ao falar de avaliação, critica a maneira “errada” de avaliar o estudante no contexto de ensino. Para ela, os métodos avaliativos estão centrados no processo de selecionar e castigar os estudantes.

Na parte 2 do livro, Vera Lúcia Meneses de Oliveira e Paiva com o capítulo “Tecnologias durante o confinamento”, profere seu discurso mediado por dois pesquisadores, a saber: Rheingold (2012) que reflete suas ideias em torno do significado de letramento no ambiente digital e Schneiderman (2003) que aponta métodos teóricos práticos para um ensino em contextos tecnológicos.

Segundo Meneses, Rheingold (2012) aponta o letramento atual como algo que se relaciona com as principais competências e habilidades essenciais frente as mídias digitais. O posicionamento do autor infere na importância do desenvolvimento de ações coletivas, sendo essencial, ainda, focar na informação necessária que se procura pesquisar para checar o que é verídico e o que é *fake*.

É possível se pensar em espaços virtuais que favoreçam a inserção de diversas práticas de linguagens que sirvam como modelo de interrelação na *web*. A colaboração, sublinhada por Shneiderman (2003), inclui a importância de se usar os recursos digitais “de forma inteligente e consciente”. Para ele, tanto coletar, quanto relacionar, constitui um método interessante de procura de informação. Isso faz parte da identidade humana. A criatividade demanda interesse cujo professor desenvolve projetos atrativos de modo atraente no ensino.

Já Vicente Pereira, no capítulo “Ambientes virtuais de aprendizagem e metodologias ativas a partir do ensino fundamental II”, narra sua trajetória enquanto pesquisador a partir de sua pesquisa na época do doutorado, seu percurso também como professor de turmas em curso de pós-graduação e ensino médio.

O pesquisador expõe uma proposta dinâmica de ensino interativo que chama de Dinâmica Interacional Pedagógica Adaptativa Complexa-DIPAC. Nessa proposta, Pereira propõe o trabalho e o ensino híbrido de forma interativo.

Após a defesa de sua pesquisa de doutorado, o pesquisador desenvolveu uma série de reflexões ancoradas nas propostas de seu estudo. Segundo o autor, após um período árduo de estudo, apropriação de teorias da complexidade percebeu, que tanto em espaços virtuais de aprendizagem como na EaD, as características são semelhantes no que tange aos “sistemas adaptativos complexos”. A partir deste ponto, o autor enumera várias questões em torno do ensino híbrido.

No penúltimo capítulo do livro “Vídeo artesanal na educação: processos, produção e (bri)colagem”, Michel Montadon analisa, criticamente, o papel da escola no contexto de ensino. Para ele, a escola destaca a pedagogia tradicional, alocando o professor como centro do conhecimento. As aulas transmissivas em que a exposição de conteúdo é valorizada, na visão do pesquisador, ainda é algo bem presente no meio escolar.

Nesta parte, o autor apresenta uma discussão, tendo como base teórica e metodológica um roteiro de pré-produção, produção e pós-produção de filmes que ofereçam incentivo a professores de modo que possam ter acessibilidade à recursos tecnológicos pertencentes a um universo de linguagens com sustentação em suportes técnicos diversos do contexto digital.

Em outro capítulo, “Letramentos acadêmicos: (re) contextualização e sentidos”, a partir de uma base sociocultural de letramentos, abordada por autores como Lea, Street (1998, 2006) e Gee (1999, 2001), Adriana Fischer apresenta os processos de práticas de letramentos situados no meio acadêmico.

A autora relata que alunos e professores apresentam-se como descobridores de ações inseridas ao contexto de uso das mídias digitais. Percebe-se que as práticas de letramentos, nesse caso, envolveram a construção de recursos em áudios por alunos de graduação e pós-graduação como, por exemplo, o Podcast. Além da produção de Podcast, os estudantes realizaram visitas virtuais a outros ambientes culturais como museus.

Para a autora, ao ministrar suas disciplinas, a construção de Podcast colaborou de modo significativo, o que contribuiu, de certa maneira, para divulgação de gêneros acadêmicos. Ao posicionar os estudantes como produtores de práticas de linguagens diversas, Fischer percebeu que a coletividade requer esforço, dedicação, interpelação, negociação. Tudo isso oferecendo um suporte a mais para lidar com o ensino em contextos atuais.

Em outro ponto, Carla Viena Coscarelli, descreve o seu desabafo em “Ideias para pensar o fim da escola”. Nessa perspectiva reflexiva, a pesquisadora, ao perceber a atual realidade, após alguns meses de isolamento social, se vê diante de uma situação conturbada em que fica inviável o retorno das escolas públicas. Diante disso, o ensino em formato remoto, de forma tímida, já era uma realidade que havia chegado aos espaços públicos de ensino.

Em seu raciocínio, Coscarelli propõe que se pense em uma escola diferenciada que seja vista como espaço mais democrático, aberta com propostas mais produtivas focadas em várias habilidades intelectuais. Habilidades que serão adquiridas, tendo o computador com internet como elementos importantes na busca do conhecimento. Esses aspectos foram importantes para se pensar em novas formas de formular o currículo escolar com intuito de valorizar professores e alunos.

Para finalizar o livro, no último capítulo da segunda parte, uma das organizadoras do círculo de discussões, Ana Elisa Ribeiro em “Tudo o que fingimos (não) saber sobre tecnologia e educação”, já publicado anteriormente no blog da Parábola, expõe suas principais preocupações sobre o ensino atual.

Através de posicionamento, ela relata que tem visto, por muitos anos, o descaso no ensino mediante ao uso das tecnologias digitais, pois o que se observa em algumas escolas públicas é um conjunto de máquinas em desuso, no caso dos computadores, ocupando um certo espaço físico das escolas.

As declarações reveladas, anteriormente, por pesquisadores, vieram como suporte teórico/metodológico para amparar professores e alunos, integralmente. É possível se perceber, no livro, que as discussões tentam, de algum modo, contribuir para o desenvolvimento de um currículo escolar focado no que o aluno precisa aprender em contexto de distanciamento social. Nessa busca por uma escola dinâmica, as tecnologias no ensino precisam ser um elo entre a procura da informação e a aprendizagem presente no século 21.

Submetido em: 24 de abril de 2021.

Aprovado em: 09 de maio de 2022.

Como referenciar este artigo:

SOUZA, Elenilza Maria de Araújo Sousa. RESENHA: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyana de Mattos Moura (Org.). **Tecnologias digitais e escola**. São Paulo: Parábola, 2020. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.42, n.1, 2022 p. 01-06.